

COMBU

O protagonismo das andirobeiras

Conheça o trabalho desenvolvido por elas na extração artesanal de andiroba. Com o apoio de pesquisadores da Uepa, se uniram na Associação de Mulheres Extrativistas do Combu (AME Combu)

ATUAÇÃO

Cintia Magno

Na outra margem do Rio Guamá, as sementes que caem das grandes árvores nativas dão a dimensão da enorme potência tradicionalmente aproveitada pelas mãos de mulheres extrativistas da floresta. Durante muito tempo, a extração artesanal de andiroba na Ilha do Combu atendeu, em grande parte, ao consumo local das famílias. O protagonismo das andirobeiras que ainda mantêm a tradição viva, porém, vem mudando essa realidade a partir da união de esforços, do cooperativismo e do apoio da produção científica, através da Universidade do Estado do Pará (Uepa).

Em uma manhã ensolarada de terça-feira, Maria Dilce dos Santos Nascimento, 66 anos, rema sozinha pelo Igarapé Piritiquaquara, na Ilha do Combu. O destino da viagem é a casa de madeira onde um grupo de outras mulheres moradoras da região já estão reunidas. Com tantos anos de dedicação à extração manual do óleo de andiroba, a reunião para falar sobre a produção é uma novidade para Maria Dilce, assim como para as demais mulheres extrativistas que hoje se organizam para fortalecer a cultura e garantir uma fonte de renda.

"Depois que eu arrumei família, eu queria ver como escoria a andiroba. A minha irmã já fazia e eu aprendi, também, com ela", lembra Maria Dilce. "Eu procurei ver como era e comecei a juntar, cozinhar, fazer aqueles processos todos e deu certo. Só que eu tirava mesmo porque eu queria ver como era. Era só para o nosso consumo em casa, não tinha venda. Depois que eu fui continuando e, como eu tenho um irmão que mora em Belém, ele começou a vender lá".

A história contada por Maria Dilce se repete entre as falas das mulheres sentadas na sala, sobretudo das mais experientes na extração do óleo. Nos quintais das casas localizadas ao longo da Ilha do Combu, as árvores de andiroba dão as sementes que permitem a extração do óleo conhecido por suas propriedades medicinais. Tradicionalmente, a extração artesanal é realizada pelas mulheres, mas, durante muito tempo, servia apenas ao consumo interno e a pequenas vendas isoladas, muitas vezes, mediadas por atravessadores.

Irmã de Maria Dilce, Geraldina Romana dos Santos Costa iniciou a extração também depois de constituir família, a lado do esposo. Hoje, com 89 anos, ela ainda segue na atividade. "Desde quando eu me casei eu fazia a extração. A gente juntava muito, depois a gente cozinhava, extraía o azeite. A gente tirava muito mesmo. Naquele tempo não tinha valor, né? Ficava mais para o uso da casa, para dar para alguém", lembra. "O que eu e o



EM IMAGENS

- ① Andirobeiras mantêm a cultura viva e unem esforços, por meio do cooperativismo e do apoio da produção científica
- ② Geraldina Romana dos Santos e Maria Dilce
- ③ Ivonete dos Santos Nascimento
- ④ Maria Ivaneide Franco Costa

FOTOS: MAURO ANGELO



res de andiroba eram vistas como algo sem muito valor. "Das pessoas que já têm aquele saber fazer, muitas já não podem mais fazer, outras já se foram e aqueles que não tiverem o conhecimento vão continuar sem o conhecimento se ele não for transmitido", reflete.

"Eu aprendi com a minha mãe e com meu pai. Eles já faziam essa extração e a gente estava ali do lado deles, ajudando a juntar, coletar andiroba, fazer o cozimento, armazenar o período que tem que ser feito e tudo isso nós fomos aprendendo. Depois que eu casei, arrumei família, já fui procurar fazer só eu. Comercializada por atravessador".

Ivanete lembra que o processo de extração da andiroba envolve várias etapas para que o resultado final seja o esperado. São esses saberes tradicionais que precisam ser repassados para as futuras gerações para que a cultura seja fortalecida, o que elas pretendem fazer de agora em diante com a associação que vem se estruturando a partir do apoio de pesquisadores da Uepa, a Associação de Mulheres Extrativistas do Combu (AME Combu).

"Muitas vezes as pessoas dizem 'ah, eu compro [andiroba] lá adiante por um valor muito alto', mas acabava que quem tinha todo o trabalho de fazer a extração ganhava menos do que quem vendia, o atravessador. Quem sabe a gente procurando se organizar melhor, coletar melhor porque muitas sementes a água leva porque não temos condição de pegar tudo, isso não muda".

SEMENTES

Filha de Geraldina, Ivonete dos Santos Nascimento, 63 anos, considera que a cultura estava se perdendo. Durante muitos anos, as sementes que caíam das árvo-



meu esposo fazíamos era também vender aquelas sementes para a antiga Copala, vendíamos baratinho. Mas depois que a Copala fechou não teve mais isso".

Geraldina lembra que, com o passar dos anos, foi diminuindo o número de pessoas que tiravam o óleo de andiroba na comunidade. Ela foi uma das que guardaram tal conhecimento ao longo dos anos e que, agora, pode repassar para as mulheres mais jovens, extraíra o azeite. A gente tirava muito mesmo. Naquele tempo não tinha valor, né? Ficava mais para o uso da casa, para dar para alguém", lembra. "O que eu e o

Já foi ficando só eu e a minha filha que aprendeu", conta, ao relatar como se sente ao fazer parte deste novo momento que se inicia, com as mulheres organizadas em busca do fortalecimento da tradição e da cultura da extração da andiroba. "Me sinto muito bem das pessoas que tiravam o óleo de andiroba na comunidade. Ela foi uma das que guardaram tal conhecimento ao longo dos anos e que, agora, pode repassar para as mulheres mais jovens, extraíra o azeite. A gente tirava muito mesmo. Naquele tempo não tinha valor, né? Ficava mais para o uso da casa, para dar para alguém", lembra. "O que eu e o

"Foi diminuindo porque a minha sogra morreu, os outros que faziam também e foi diminuindo.



Cultura e geração de renda

O fortalecimento da cultura e a geração de renda a partir do trabalho conjunto em torno do óleo da andiroba já é um sonho para Maria Ivaneide Franco Costa, 59 anos. Apesar de nunca ter trabalhado com a andiroba, ela viu na organização da associação a possibilidade de entrar de vez no ramo. A casa que hoje serve de sede para a associação, inclusive, foi emprestada por seu filho para que as mulheres tivessem onde se reunir.

"Nunca trabalhei com a andiroba. É agora a partir da associação que estou pretendendo trabalhar. Aqui sempre teve as andirobeiras, mas eu não sabia como fazer", lembra. "Uma vez eu e o meu marido ajuntamos muita andiroba e ele foi e cozinhou tudinho, mas quando foi a hora de escorrer o óleo, não escorreu.

Ficou aquela massa e a gente ficou triste de ter aquele trabalho e não ter prestado".

Maria Ivaneide lembra que já foi uma vizinha que, durante uma visita, viu a massa e perguntou por que ela estava ali parada. Ao ouvir que o óleo não queria escorrer da massa de andiroba, a vizinha levou o produto para casa. "Já na casa da gente que veio escorrer", sorri Maria Ivaneide. "Desde aí, nunca mais. Até um dia desses eu dizia, 'eu, não. Não vou cozinhar porque daquela vez cozinhamos e nem escorreu'. Agora, já através da associação, eu quero estar na ativa. Para mim, agora, até virou um sonho isso. A Ilha do Combu, e o Igarapé Piritiquaquara, ficar conhecida também pela andiroba".

TRADIÇÃO

● Em muitas regiões da Amazônia, a extração do óleo da semente da andiroba é uma atividade comandada pelas mulheres

● Na Ilha do Combu, a grande presença de árvores nativas de andiroba nos quintais das casas faz com que a extração artesanal do óleo fizesse parte do cotidiano das comunidades

● Porém, durante muito tempo o produto não era visto como algo que poderia gerar renda e era extraído de maneira isolada, apenas para consumo interno das famílias

● Percebendo o valor do produto e vendo o conhecimento tradicional da extração ameaçado diante da grande diminuição de mulheres que ainda exercem a atividade, um grupo de mulheres das comunidades Combu e Piritiquaquara, ambas na Ilha do Combu, fizeram a iniciativa de buscar apoio para o fortalecimento da cultura e geração de renda a partir dela

● Desde então, pesquisadores da Uepa vêm atuando junto às mulheres andirobeiras do Combu. O trabalho já resultou na criação da Associação de Mulheres Extrativistas do Combu (AME Combu), hoje em fase de implementação e já reunindo cerca de 15 associadas.

Criação da associação é fruto de projeto de dissertação



Cláudia Urbinatti lembra

que o projeto surgiu da necessidade de valorização da cultura da extração da andiroba e também da promoção do protagonismo das mulheres extrativistas

FOTOS: MAURO ANGELO

Até que esse sonho comece-se a ser pensado em conjunto, um longo caminho já foi percorrido pelas mulheres andirobeiras da Ilha do Combu e não apenas por elas. A criação da Associação de Mulheres Extrativistas do Combu é resultado do projeto de dissertação 'Sociedade e Natureza: Um Estudo sobre o Protagonismo das Mulheres Andirobeiras da Ilha do Combu, Belém-PA', vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado do Pará (Uepa).

O projeto é executado pela discente Ana Carolina Gonçalves, sob orientação das professoras doutoras Flávia Lucas e Cláudia Urbinatti e surgiu de uma marca das próprias mulheres das comunidades do Combu e Piritiquaquara. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Uepa, Flávia Lucas já desenvolveu trabalhos na área da etnobotânica do Combu e foi em uma de suas andanças pela ilha que ela foi procurada pelas moradoras das comunidades que apresentaram a demanda por uma maneira de fortalecer e gerar renda a partir da atuação das mulheres extrativistas.

"Houve uma demanda das comunidades para fazer esse trabalho e nós pensamos justamente em fazer essa união para fortalecer a mulher da floresta. A gente sabe que as mulheres passam por um uma jornada tripla de trabalho árduo, então, a gente per-

CONVIDADA

por Flávia

para integrar o projeto,

a professora do Centro de

diminuir custos, chegar a mais pontos de vendas. A partir daquela marca estampada nos produtos que vão sair da ilha você consegue visualizar que ali não está apenas uma marca, mas todo um significado, uma cultura, a proteção de um saber fazer tradicional".

"A partir desse trabalho da marca coletiva você consegue a trabalhar a união de todas aquelas mulheres que antes trabalhavam isoladamente, você consegue

estimular a participação da

comunidade", explica a professora Cláudia. "Estamos nessa fase de instalação da associação e hoje a gente espera não apenas que elas tenham um produto comercializável com um selo de extração manejada, mas também algo que valorize a mulher daquela ilha, que dê a identidade e a força delas".



**COM
MAIS
FIBRA, VELOCIDADE & MUITO
MAIS**

TUDO JUNTO & CONECTADO

Na Claro, é tudo junto e conectado: internet com fibra, ultravelocidade e Wi-Fi que chega na casa toda, pra você trabalhar, ver desenhos, esportes, seriados e muito mais.

Clarõ net virtua
250 MEGA WiFiPLUS
POR R\$ 99,99 POR MÊS
NA COMBINAÇÃO COM PLANO MÓVEL E/OU PACOTE DE TV
LOJAS CLARO | CLARO.COM.BR | 0800-720-1234



Você merece o novo.

Para chegar ao mercado com valor agregado

Para que os produtos produzidos pelas mulheres consigam chegar ao mercado com valor agregado, outros atores também precisaram entrar no projeto, como o designer Bernardo Magalhães, que a partir de ideias levantadas pelas próprias mulheres da ilha, desenvolveu a marca e a identidade visual da associação; e o advogado e mestre Paulo de Tarso Melo, que prestou apoio jurídico à associação.

"Como elas trabalham vários recursos naturais, dentre eles a andiroba, elas pediram que a gente pudesse fazer algum trabalho com elas no sentido de valorizar a produção e o óleo da andiroba e aí veio a proposta da dissertação da Ana Carolina de fazer esse diagnóstico sobre como é a produção delas nessas duas comunidades da ilha que demandaram pelo projeto".

Além do diagnóstico, o projeto também se preocupa com o desenvolvimento da associação e com a construção de um produto final que possa ser comercializado com valor agregado. Dessa forma, ao mesmo tempo em que foi iniciada a fase do diagnóstico, foram realizadas oficinas de produção da associação e uma rede de mulheres extrativistas. "Houve uma demanda das comunidades para fazer esse trabalho e nós pensamos justamente em fazer essa união para fortalecer a mulher da floresta. A gente sabe que as mulheres passam por um uma jornada tripla de trabalho árduo, então, a gente per-

cebe que existe uma demanda muito grande de trabalho para elas, com um reconhecimento mínimo", considera.

"Como elas trabalham vários recursos naturais, dentre eles a andiroba, elas pediram que a gente pudesse fazer algum trabalho com elas no sentido de valorizar a produção e o óleo da andiroba e aí veio a proposta da dissertação da Ana Carolina de fazer esse diagnóstico sobre como é a produção delas nessas duas comunidades da ilha que demandaram pelo projeto".

Além do diagnóstico, o projeto também se preocupa com o desenvolvimento da associação e com a construção de um produto final que possa ser comercializado com valor agregado. Dessa forma, ao mesmo tempo em que foi iniciada a fase do diagnóstico, foram realizadas oficinas de produção da associação e uma rede de mulheres extrativistas.

"Houve uma demanda das comunidades para fazer esse trabalho e nós pensamos justamente em fazer essa união para fortalecer a mulher da floresta. A gente sabe que as mulheres passam por um uma jornada tripla de trabalho árduo, então, a gente per-

cebe que existe uma demanda muito grande de trabalho para elas, com um reconhecimento mínimo", considera.

"Como elas trabalham vários recursos naturais, dentre eles a andiroba, elas pediram que a gente pudesse fazer algum trabalho com elas no sentido de valorizar a produção e o óleo da andiroba e aí veio a proposta da dissertação da Ana Carolina de fazer esse diagnóstico sobre como é a produção delas nessas duas comunidades da ilha que demandaram pelo projeto".

Além do diagnóstico, o projeto também se preocupa com o desenvolvimento da associação e com a construção de um produto final que possa ser comercializado com valor agregado. Dessa forma, ao mesmo tempo em que foi iniciada a fase do diagnóstico, foram realizadas oficinas de produção da associação e uma rede de mulheres extrativistas.

"Houve uma demanda das comunidades para fazer esse trabalho e nós pensamos justamente em fazer essa união para fortalecer a mulher da floresta. A gente sabe que as mulheres passam por um uma jornada tripla de trabalho árduo, então, a gente per-

A rede da Claro pode ser hibrida, sendo composta por cabo coaxial e fibra. Consulte cidades com rede fibra. Oferta válida até 30/9/2021. A Claro garante o mínimo de 80% da velocidade média nominal contratada, em conformidade com a Regulamentação de Qualidade da Anatel vigente. Consulte disponibilidade técnica e cobertura dos serviços na sua região, características, restrições do regulamento da oferta e demais condições para aquisição dos serviços, inclusive individualmente, em <https://www.claro.com.br/internet/banda-larga>